

**AUTOMEDICAÇÃO: PRÁTICA ENTRE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM****SELF-MEDICATION: PRACTICE AMONG NURSING UNDERGRADUATES****LA AUTOMEDICACIÓN: UNA PRÁCTICA ENTRE LOS GRADUANDOS DE ENFERMERÍA**

Damião Romero Firmino Alves¹, Gesualdo Gonçalves de Abrantes², Herbert Kauan Alves Martins³, Andréa Mária da Cunha Lima⁴, Francisco Fernandes Vieira Ramos⁵, Anne Carolinne Marie dos Santos⁶, Waléria Bastos de Andrade Gomes Nogueira⁷, Gerson da Silva Ribeiro⁸

RESUMO

Objetivo: verificar a ocorrência da prática de automedicação entre acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, exploratório e descritivo, realizado com 100 graduandos de Enfermagem por meio de um questionário, sendo a análise com o auxílio do *software* estatístico SPSS, versão 21.1. Apresentam-se os resultados em forma de tabelas. **Resultados:** constata-se que 99,0% dos investigados afirmaram praticar a automedicação, enquanto apenas 1,0% referiu nunca ter feito uso de medicamentos sem a prescrição de profissionais habilitados legalmente. **Conclusão:** verificou-se que a automedicação é uma prática comum entre os acadêmicos do curso de Enfermagem. Enfatiza-se, ainda, que o consumidor final não é o único culpado por esta situação, sendo necessárias, portanto, ações de promoção e educação em saúde na instituição pesquisada, com vista ao uso racional de medicamentos. **Descritores:** Automedicação; Enfermagem; Estudantes; Medicamentos sem Prescrição; Risco; Educação em Saúde.

ABSTRACT

Objective: to verify the incidence of the practice of self-medication among undergraduates from a Nursing Course. **Method:** this is a quantitative study, exploratory and descriptive, performed with 100 students by means of a questionnaire, being the analysis with the aid of the statistical software SPSS, version 21.1. Present the results in the form of tables. **Results:** it is noted that 99.0% of the investigated reported practicing self-medication, while only 1.0% reported never having made use of medications without a prescription of legally qualified professionals. **Conclusion:** we found that the self-medication is a common practice among nursing students. It also emphasizes that the final consumer is not the only guilty in this situation, being necessary; therefore, actions of promotion and education in health in the researched institution, with a view to rational use of medicines. **Descriptors:** Self-Medication; Nursing; Students; Nonprescription Drugs; Risk; Health Education.

RESUMEN

Objetivo: verificar la existencia de la práctica de la auto-medicación entre académicos de un curso de pregrado en enfermería. **Método:** se trata de un estudio cuantitativo, exploratorio y descriptivo realizado con 100 estudiantes, por medio de un cuestionario, el análisis con la ayuda del *software* estadístico SPSS, versión 21.1. Presentados los resultados en forma de tablas. **Resultados:** se observó que el 99,0% de los investigados informó de practicar la automedicación, mientras que sólo el 1,0% reportó nunca haber hecho uso de medicamentos sin prescripción legal de profesionales cualificados. **Conclusión:** hemos encontrado que el medicamento es una práctica común entre los académicos del curso de Enfermería. También subraya que el consumidor final no es el único culpable en esta situación, siendo necesario, por lo tanto, acciones de promoción y educación en salud en la institución de investigación, con miras a la utilización racional de los medicamentos. **Descriptores:** Automedicación; Enfermería; Estudiantes; Medicamentos sin Prescripción; Riesgo; Educación en Salud.

^{1,2,3}Graduandos em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: romero.heidtor@gmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-9604-0730>; E-mail: gesualdomandragora@hotmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-7074-9995>; E-mail: kawanherbert@gmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-1952-2960>; ⁴Especialista, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: andrealima2006@gmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0152-3332>; ^{5,6}Graduandos em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem Nova Esperança/FACENE. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: fernands.somerhalder@gmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-9341-0540>; E-mail: anne_carolinne32@hotmail.com ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-8464-2585>; ⁷Mestra, Faculdade de Enfermagem Nova Esperança/FACENE. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: waleriabastos@hotmail.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-5208-108X>; ⁸Mestre, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: gersondasilvaribeiro@outlook.com ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-2645-8020>

INTRODUÇÃO

Define-se a automedicação como o uso de medicamentos sem a prescrição, orientação e/ou acompanhamento de um profissional habilitado.¹ Entende-se que a prevalência da automedicação é plural nos diferentes grupos sociais e não faz distinção quanto ao contexto histórico, ao nível cultural ou à posição econômica e social do indivíduo, sendo uma prática comum, visando ao alívio ou à cura de sintomas considerados simples e recorrentes.²⁻

³ Considera-se que essa prática, quando realizada de forma indevida, pode acarretar consideráveis riscos à saúde, sendo necessário um uso racional a fim de garantir a segurança do indivíduo.

Sabe-se que os principais motivos que levam os indivíduos a se automedicar são a experiência prévia com o sintoma ou a doença, a falta de acessibilidade aos serviços de saúde, a limitação de recursos financeiros para cuidar da saúde, a indisponibilidade de tempo para buscar auxílio médico e a atitude do indivíduo face à doença. Somam-se, a esses aspectos, a grande disponibilidade de produtos, a veiculação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, a presença da “farmacinha caseira” nos domicílios e a crença de que os medicamentos resolvem tudo.⁴⁻⁵

Verifica-se, pela difusão da automedicação no Brasil e no mundo, que os dados que evidenciam a magnitude epidemiológica dessa prática e os seus impactos negativos chamam a atenção para este problema crescente de saúde pública, sendo que esta prática se torna mais preocupante no âmbito acadêmico da área de saúde.⁶

Discute-se que a automedicação, quando realizada de forma responsável, pode trazer benefícios, ajudando a prevenir e tratar sintomas e doenças que não requeiram consulta médica, utilizando-se medicamentos isentos de prescrição (MIP's) que devem ter a eficácia e a segurança comprovadas quando utilizados racionalmente, podendo contribuir para reduzir a crescente pressão sobre os serviços de saúde por meio do alívio de males menores, especialmente, quando os recursos financeiros e humanos são limitados. Caracteriza-se o que se chama de “automedicação responsável”: o uso de medicamentos nos casos de ligeiros incômodos, como resfriados e dores de cabeça, resultantes de situações de estresse, cólicas abdominais ou menstruais, alertando que o paciente consulte um médico, caso não cessem os sintomas tratados.⁷

Considera-se a automedicação, quando realizada de forma responsável, como um ato de autocuidado, contudo, não se devem esquecer as graves consequências que ocorrem quando essa prática é realizada de maneira inadequada.⁸ Apontam-se os possíveis riscos causados pela automedicação para a saúde do indivíduo: retardamento do reconhecimento do distúrbio, com possível agravamento; escolha da terapia inadequada; uso excessivamente curto ou prolongado; aumento do erro nos diagnósticos das doenças; utilização de dosagem insuficiente ou excessiva; resistência antimicrobiana; aparecimento de efeitos indesejáveis graves ou reações alérgicas; comprometimento posterior do tratamento adequado de determinadas patologias, por mascarar os verdadeiros sintomas; gastos supérfluos; risco de dependência; ocorrência de efeitos adversos, podendo resultar em riscos acrescidos; interação com outros medicamentos dos quais o doente já esteja fazendo uso; internação hospitalar; morte e aumento do uso de recursos financeiros pelo sistema de saúde.^{6,9}

Nota-se que aproximadamente um terço das internações hospitalares ocorridas no país tem como origem o uso incorreto de medicamentos. Revela-se, por meio de estatísticas do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), que os medicamentos respondem por 28,78% das intoxicações no Brasil, ao passo que 22,1% dos casos de morte ocorrem por intoxicações causadas por medicamentos.^{4,10}

Ressalta-se que, a partir deste contexto, diversos estudos indicam que o grau de instrução influencia a prática da automedicação, estando esta atividade intimamente relacionada a acadêmicos da área da saúde. Sabe-se que os universitários da área de saúde tendem a se automedicar pela autoconfiança, baseada na ideia de que eles são detentores de informações e conhecimentos privilegiados em relação ao restante da população, em experiências anteriores bem-sucedidas e na crença de que os conhecimentos adquiridos durante a formação sustentam a seleção correta do medicamento para determinado quadro clínico.^{4,11-13}

Justifica-se este estudo, frente a este cenário, pois se acredita que a caracterização e a análise acerca do consumo de medicamentos na população em estudo possam subsidiar projetos de intervenção e programas que visem à maximização da compreensão dos estudantes universitários a

respeito da autoadministração de medicamentos.

OBJETIVO

- Verificar a ocorrência da prática de automedicação entre acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo, exploratório e descritivo. Realizou-se a pesquisa no Centro de Ciência da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, João Pessoa, Paraíba, Brasil, mais especificamente, nas salas de aula com os alunos do curso de Enfermagem. Deve-se a escolha do local ao critério de acessibilidade, pois tanto o pesquisador responsável, quanto a maioria dos participantes (alunos-pesquisadores) fazem parte da universidade.

Sabe-se que o curso de Enfermagem da UFPB possui aproximadamente 380 alunos regularmente matriculados nos períodos letivos correntes, os quais correspondem à totalidade do curso. Centram-se esses alunos no Campus I da instituição. Analisou-se, para efeito exploratório e investigativo, uma amostra de 100 alunos, do total de 380, já mencionados, os quais se dispuseram, voluntariamente, a participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Definiram-se como critérios de inclusão para a seleção da amostra: ser aluno do curso de graduação em Enfermagem (Bacharelado/Licenciatura) e estar presente na sala de aula no momento da coleta de dados. Adotou-se, como critério de exclusão, o fato de o aluno se recusar a assinar o TCLE.

Escolheu-se, como instrumento para a coleta de dados, um formulário composto por duas partes, sendo a primeira referente aos dados de caracterização da amostra e a segunda relacionada à prática da automedicação.

Iniciou-se a coleta de dados após a aprovação do projeto pela comissão científica do DENC (Departamento de Enfermagem Clínica) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB sob o CAAE: 67176317.6.0000.5188. Realizou-se a coleta durante o mês de maio de 2017, quando foram explanados os objetivos da pesquisa e a importância da participação dos alunos, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado pelo pesquisador responsável e pelos participantes da pesquisa.

Analisaram-se os dados estatisticamente pelo método quantitativo. Apresentaram-se todos os dados por meio de tabelas com as devidas discussões, analisados a partir de um banco de dados, com o auxílio do *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 21.1.).

Respeitaram-se, nesta pesquisa, os aspectos éticos preconizados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, como, também, o que rege a Resolução 311/2007 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2007), que trata do Código de Ética dos Profissionais.

RESULTADOS

Constata-se que os dados obtidos a partir deste estudo são alarmantes e revelam que a quase totalidade dos investigados (mais especificamente, 99,0%) afirmou praticar a automedicação, enquanto apenas 1,0% referiu nunca ter feito uso de medicamentos sem a prescrição de profissionais habilitados legalmente. Observa-se, também, que a grande maioria dos pesquisados (91,0%) admitiu já ter indicado medicamentos para outras pessoas, enquanto apenas 9,0% afirmaram nunca terem indicado a outras pessoas o uso de nenhum tipo de medicamento sem a prescrição de profissionais legalmente habilitados. Apresentam-se os dados de identificação da amostra na tabela 1.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes (n=100). João Pessoa (PB), Brasil. 2017.

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	16	16,0
Feminino	84	84,0
Idade		
17 a 20 anos	40	40,0
21 a 25 anos	48	48,0
26 a 30 anos	8	8,0
31 a 35 anos	3	3,0
36 ou mais	1	1,0
Renda familiar		
1 salário mínimo	18	18,0
1 a 2 salários mínimos	35	35,0
2 a 3 salários mínimos	20	20,0
3 ou mais salários mínimos	27	27,0

Destaca-se, em relação ao gênero dos participantes, que a grande maioria dos alunos pesquisados (n=84; 84,0%) pertence ao gênero feminino. Registra-se, quanto à idade, que a maior parte dos entrevistados (n=88; 88,0%) tinha menos de 26 anos.

Evidencia-se que, quando os participantes são abordados sobre por quem são orientados a realizar a automedicação, a orientação

própria é a principal responsável pela prática, com 71,0%; a orientação pelos pais responde por 62,0%; balconistas de farmácias, 25,0%; amigos, 20,0%; informações da internet representam 15,0%, e 8,0% afirmaram possuir outras fontes de orientações.

Tabela 2. Estudantes pesquisados segundo o modo de obtenção, o motivo do uso, o seu conhecimento e a importância da automedicação (n=100). João Pessoa (PB), Brasil, 2017.

Indicadores de uso da automedicação	N	%
Uso de medicamentos baseado em prescrição antiga		
Sim	62	62,0
Não	38	38,0
Uso de medicamentos baseado em sites de internet		
Sim	35	35,0
Não	65	65,0
Uso de medicamentos baseado em propaganda		
Sim	32	32,0
Não	68	68,0
Uso de medicamentos conhecidos no curso		
Sim	54	54,0
Não	46	46,0

Tabela 3. Os principais medicamentos usados pelos estudantes (n=100). João Pessoa (PB), Brasil. 2017.

Medicamentos	N	%
Analgésicos/Antitérmicos	91	91,0
Xaropes para tosse	77	77,0
Antiasmáticos	13	13,0
Gotas otológicas (para ouvidos)	23	23,0
Antidiarreicos	39	39,0
Antiácidos	45	45,0
Corticoides sistêmicos (via oral)	8	8,0
Descongestionantes/Vasoconstrictores nasais	63	63,0
Anti-inflamatórios	83	83,0
Anticoncepcionais	32	32,0
Antibióticos	31	31,0
Remédios para resfriados/gripes	77	77,0
Laxantes	28	28,0
Complexos vitamínicos	65	65,0
Corticoides nasais (<i>sprays</i> nasais com corticoides)	14	14,0
Antialérgicos/Anti-histamínicos	44	44,0
Antifúngicos	01	1,00
Ansiolíticos/para emagrecimento	02	2,00
Aumentar apetite	01	1,00

Percebe-se que a grande maioria dos pesquisados (95,0%) reconheceu a existência destes riscos e apenas 5,0% responderam negativamente quando indagados sobre a possibilidade de a prática de automedicação causar danos à saúde. Evidencia-se, conhecendo a importância social da referida prática, que a quase totalidade dos pesquisados (99,0%) reconhece a importância da existência de discussões sobre a automedicação durante a graduação, e apenas 1,0% da população respondeu negativamente.

DISCUSSÃO

Observa-se que as características sociodemográficas dos estudantes pesquisados são semelhantes a outros estudos.¹⁴ Confirma-se, por meio dos dados referentes ao gênero, que, mesmo nos dias atuais, a Enfermagem ainda permanece como uma profissão essencialmente feminina, haja vista que o percentual de homens que buscam essa opção profissional é reduzido. Justifica-se, assim, o majoritário número de pessoas do gênero feminino participantes da pesquisa. Considera-se, em relação à idade, que a população estudada é composta por indivíduos em plena fase de produção, de construção familiar, com expectativa de progressão intelectual, social e ascensão funcional.¹⁴⁻⁵

Registrou-se que determinados grupos se apresentam dentro de uma configuração social relativa à questão da renda *per capita* das famílias, provocando uma reflexão sobre o poder aquisitivo dos pesquisados enquanto representantes de um grupo específico da sociedade, o que sugere alguns riscos quanto ao uso indevido de medicamentos, fator predisposto no autoconhecimento dos sujeitos acerca de determinadas medicações.²

Ressalta-se que o motivo que leva os universitários da área de saúde a se automedicarem é o fato de os mesmos serem detentores de informações e conhecimentos privilegiados em relação ao restante da população.⁴ Indica-se, em estudos, que os indivíduos com maior grau de instrução são os que mais recorrem à automedicação. Sugere-se, por esses autores, que o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais, especialmente nos centros de estudos superiores voltados para as ciências da saúde, ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam.^{4,11-3}

Soma-se, a isso, a ideia central da falta de tempo, por parte dos acadêmicos, para consultar um profissional habilitado, uma vez que, nas universidades públicas brasileiras, os estudantes da área de saúde, especialmente

os de Enfermagem, cumprem um regime acadêmico integral, aspecto que impacta diretamente a vida cotidiana, diminuindo a disponibilidade de tempo para procurar atendimento à saúde.^{4,6,8}

Percebem-se, entre as formas pelas quais a automedicação pode ser praticada, a aquisição de medicamentos sem receita, o compartilhamento dos medicamentos com outros integrantes da família ou do círculo social, a reutilização de sobras de medicamentos de tratamentos anteriores e a utilização de antigas prescrições. Considera-se importante, ainda, ressaltar que a prática da automedicação, muitas vezes, é influenciada por amigos, balconistas de farmácias e, até mesmo, familiares.^{5-6,8,16}

Apona-se a orientação própria como a principal responsável pela prática da automedicação, por influência do processo de formação e das experiências pessoais, que fundamentam a tomada de decisão, mas as orientações de terceiros ainda são um importante fator na escolha dos medicamentos, como revelado em outros estudos.¹⁷ Encontra-se, ainda, uma relação entre a influência de terceiros e a idade média dos estudantes. Afirma-se, segundo os mesmos estudos sobre automedicação entre estudantes de Enfermagem, que quem influencia essa prática, principalmente, são os parentes e amigos. Destaca-se, nesse sentido, a relevância da ação transformadora da universidade, no intuito de conscientizar o indivíduo sobre a prática da autoadministração de medicamentos e superar paradigmas por meio da ruptura da exaltação à medicalização repassada entre as gerações.^{6,17}

Enfatiza-se que um grande problema relacionado à automedicação é a reutilização de receitas médicas antigas, visto que, muitas vezes, um indivíduo pode apresentar sinais e sintomas semelhantes aos verificados durante o período em que fez uso de determinada medicação. Reforça-se que o uso excessivo de medicamentos não receitáveis pode causar sérios danos patológicos, aumentando os riscos de contrair outras doenças, as quais não são combatíveis com os medicamentos de uso casual e rotineiro, pois as propriedades bioquímicas, de fato, não farão efeito e não ajudarão na recuperação do indivíduo, mas, sim, ampliarão as suas dores e agravarão o seu estado de saúde.¹⁶⁻⁸

Ressalta-se, em estudos,¹⁹ que os medicamentos deveriam ser vendidos apenas mediante a prescrição médica, visto que todos eles apresentam efeitos colaterais primários e secundários, ou seja, possuem condições

adversas que, na maioria das vezes, não são conhecidas pela população e, com isso, a compra destes por diversos membros da família, ou até mesmo por amigos, acaba por prejudicar a saúde do indivíduo que já está comprometida. Aponta-se que o fato de os doentes não saberem se as propriedades do medicamento a ser utilizado superam os seus efeitos secundários ou os seus riscos, ou seja, o uso inapropriado de um ou mais medicamentos pode mascarar a eficácia do mesmo, alterar os seus efeitos e aumentar os riscos colaterais preexistentes, impossibilitando um diagnóstico correto e plausível do problema.

Fazem-se necessários, diante do exposto, tratamentos mais complexos, invasivos, caros e com recuperação lenta, o que se reflete em custos para os sistemas de saúde.

Percebe-se que os resultados deste estudo corroboram os dados de outros estudos que envolviam estudantes da área da saúde^{3-6,8,11-14} nos quais se comprovou que a maioria dos alunos matriculados em cursos da área da saúde praticava a automedicação. Apresenta-se, também, a consonância entre os estudos, quando os pesquisados afirmam que os medicamentos mais utilizados pelos estudantes para se automedicar são os analgésicos/antitérmicos. Ressalta-se, ainda, que os principais problemas que levaram à prática da automedicação também estão em conformidade com o estudo,^{3,6,8,16} pois a dor também se aponta como um problema; logo após, vêm, em grande percentual, as queixas de febre.

Entende-se, neste estudo, assim como na pesquisa realizada por esses autores,^{6,15,20} que a grande maioria dos pesquisados já se aconselhou com terceiros antes de realizar a automedicação, sendo que essas pessoas não são habilitadas cientificamente para fornecer tais informações à população.

Enfatiza-se que a automedicação é considerada um problema de ordem mundial e faz-se necessário alertar a população sobre os riscos que ela oferece, conscientizando-a quanto ao perigo desta prática. Sugere-se que as instituições de ensino devem se empenhar na formação dos profissionais, oferecendo uma formação política no que diz respeito ao seu papel enquanto orientadores dos seus pacientes, sendo necessária a criação de medidas educativas quanto ao uso correto de medicamentos, preparando o profissional para orientar a sociedade e incentivar a busca da capacitação, para que ele possa oferecer uma atenção farmacêutica de qualidade.¹³

Salienta-se a importância da realização de ações para interferir, tanto na prática, quanto

no ensino, em prol da promoção do uso racional de medicamentos. Defende-se, quanto à prática, que a população pode ser orientada sobre os riscos do uso irracional de medicamentos, por meio de ações educativas; quanto ao ensino, futuros médicos, enfermeiros e farmacêuticos devem perceber a importância da racionalidade no uso de medicamentos. Requer-se uma reflexão política no que se refere à criticidade e à responsabilidade daquilo que está sendo disposto no processo de compreensão da saúde humana.

CONCLUSÃO

Compreende-se que houve um alto índice de automedicação entre os acadêmicos de Enfermagem, os quais se automedicam mesmo reconhecendo a existência dos riscos desta prática. Esperava-se, contudo, por se tratar de futuros profissionais da saúde, que o consumo fosse menor e mais racionalizado. Constata-se, porém, que é justamente o maior conhecimento sobre medicamentos que os habilita a usá-los de forma inadequada. Identificou-se, por meio deste estudo, que a prática de automedicação se baseou, principalmente, na orientação própria, utilizando-se o conhecimento aprendido no curso e as prescrições médicas antigas.

Registrou-se que, na automedicação, os medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos foram analgésico-antitérmicos, anti-inflamatórios, xaropes para tosse, fármacos para resfriados e gripes, complexos vitamínicos e descongestionantes/vasoconstrictores nasais, e os principais motivos relatados foram dores de cabeça, resfriado/gripe, febre e infecções/inflamações de garganta.

Nota-se que, sem a prescrição adequada de um profissional habilitado, a prática de se medicar, seja ela baseada no autoconhecimento, ou por qualquer outro meio, não é confiável, portanto, o conhecimento sobre as medicações não pode ser um argumento plausível para a automedicação que, por sua vez, é potencialmente cheia de riscos. Alerta-se, então, para uma conscientização política quanto ao uso e/ou manuseio indevido de medicamentos, com enfoque nos estudantes de Enfermagem, os quais, futuramente, serão profissionais que deverão incentivar o correto uso de medicações.

Enfatiza-se, ainda, que o consumidor final não é o único culpado por esta situação: as farmácias, os sistemas de saúde, os meios de comunicação e a sociedade, em geral, exercem uma grande e importante influência

sobre essa prática.¹⁹ Conclui-se, também, que deve haver a implantação de ações de promoção e educação em saúde na instituição pesquisada, com vistas ao uso racional de medicamentos.

Destaca-se um resultado animador em que estudantes do ensino superior consideram a automedicação um fenômeno prejudicial para o indivíduo e a comunidade, o que possibilita a introdução de ações educativas sobre a temática, oferecendo uma solução para o futuro.

REFERÊNCIAS

1. Pereira Júnior AC, Telles Filho PCP, Azevedo DSS. Self-medication: consumption, guidance and knowledge among nursing students. *J Nurs UFPE on line*. 2013 June;7(6):4472-8. Doi: 10.5205/reuol.4164-33013-1-SM.0706201321
2. Silva JAC, Gomes AL, Oliveira JPS, Sasaki YA, Maia BTB, Abreu BM. Prevalence of self-medication and associated factors among patients of a University Health Center. *Rev Bras Clin Med [Internet]*. 2013 [cited 2018 Oct 29];11(1):27-30. Available from: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3385.pdf>
3. Al Hussaini M, Mustafa S, Ali S. Self-medication among undergraduate medical students in Kuwait with reference to the role of the pharmacist. *J Res Pharm Pract*. 2014 Jan;3(1):23-7. Doi: [10.4103/2279-042X.132706](https://doi.org/10.4103/2279-042X.132706)
4. Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. Self-medication and health academic staff.. *Ciênc saúde coletiva*. 2010 Aug;15(5):2533-8. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>
5. Lukovic JA, Miletic V, Pekmezovic T, Trajkovic G, Ratkovic N, Aleksic D, et al. Selfmedication practices and risk factors for self-medication among medical students in Belgrade, Serbia. *PLoS One*. 2014 Dec;9(12):e114644. Doi: [10.1371/journal.pone.0114644](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0114644)
6. Gama ASM, Secoli SR. Self-medication among nursing students in the state of Amazonas - Brazil. *Rev Gaúcha Enferm*. 2017 May;38(1):e65111. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>
7. Prado MAMB, Francisco PMSB, Bastos TF, Barros MBA. Use of prescription drugs and self-medication among men. *Rev bras epidemiol*. 2016;19(3):594-608. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201600030010>
8. Silva FM, Goulart FC, Lazarini CA. Characteristics of self-medication practice and associated factors among nursing undergraduate students *Rev eletrônica enferm*. 2014 July/Sept;16(3):644-51. Doi: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v16i3.20850>.
9. Jesus APGAS, Yoshida NCP, Freitas JGA. Prevalence self-medicated academic pharmacy, medicine, nursing and dentistry. *Estudos*. 2013 Apr/June;40(2):151-64. Doi: <http://dx.doi.org/10.18224/est.v40i2.2718>
10. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Dados de Intoxicação [Internet]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2013 [cited 2018 Nov 08]. Available from: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>
11. Pilger MC, Dombrowski G, Rebelo M, Tomasi E. Self-medication among medical students of two medicine schools in Pelotas, South Brazil. *Rev AMRIGS [Internet]*. 2016 Jan/Mar [cited 2018 Nov 08];60(1):615-44. Available from: <http://www2.isendlabs.com.br/iSendLabs/external/magazine.do?encrypt=ED859BEE75E68802A48119CA5AA3E653EE41EFE41D2BBE00F2F5EA4C3C5710048C7C31E2A17F4C0E149301932B7924D1>
12. Kumar N, Kanchan T, Unnikrishnan B, Rekha T, Mithra P, Kulkarni V, et al. Perceptions and practices of self-medication among medical students in Coastal South India. *PLoS One*. 2013 Aug;8(8):e72247. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0072247>
13. Galato D, Madalena J, Pereira GB. Self-medication among university students: the influence of the field of study. *Ciênc saúde coletiva*. 2012 Dec;17(12): 3323-30. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001200017>
14. Chaves ACTA, Alves LA, Rocha MNC, Souza MNR, Chaves VTA, Silva WS. Perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem. *Rev Saúde.com [Internet]*. 2017 Oct/Dec [cited 2018 Apr 09];13(4):1016-102. Available from: <http://www.uesb.br/revista/rsc/ojs/index.php/rsc/article/view/523/507>.
15. Oliveira AF, Teixeira ER, Silvino ZR, Christovam BP. Self-medication among healthcare workers: integrative review. *J Nurs UFPE on line [Internet]*. 2013 Oct [cited 2018 Nov 08];7(10):6254-61. Doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v7i10a12264p6254-6261-2013>

16. Silva JAC, Gomes AL, Oliveira JPS, Sasaki YA, Maia BTB, Abreu BM. Prevalence of self-medication and associated factors among patients of a University Health Center. Rev Bras Clin Med [Internet]. 2013 Jan/Mar [cited 2018 Nov 08];11(1):27-30. Available from: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3385.pdf>
17. Goel D, Gupta S. Self-medication patterns among nursing students in North India. IOSP J Dental Med Sci. 2013 Jan;11(4):14-7. Doi: 10.9790/0853-1141417}
18. Reis KP, Canfield JT. The use of medical prescription in the selfmedication. Rev Disciplinarum Scientia [Internet]. 2016 [cited 2018 Nov 08];2(1):137-47. Available from: <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumS/article/view/802/746>
19. Cruz PS, Caramona M, Guerreiro MP. A reflection on self-medication and non-prescription medicines in portugal. Rev Port Farmacoter [Internet]. 2015 [cited 2018 Nov 08];7(2):83-90. Available from: <http://revista.farmacoterapia.pt/index.php/rpf/article/view/2/2>.
20. Iuras A, Marques AAF, Garcia LFR, Santiago MB, Santana LKL. Prevalence of self-medication among students of State University of Amazonas (Brazil). Rev Port Estomatol Med Dent Cir Maxilofac. 2016 Apr/June;57(2):104-11. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.01.001>

Submissão: 23/04/2018

Aceito: 09/01/2019

Publicado: 01/02/2019

Correspondência

Gerson da Silva Ribeiro
Conjunto José Américo
Condomínio Maria Apolônia, casa 47
Rua Benício de Oliveira Lima, 950
CEP: 58072-030 — João Pessoa (PB), Brasil